

FAMÍLIA E O NASCIMENTO DO EU: Como ocorre a formação da subjetividade considerando as relações na teoria de Winnicott?¹

FAMILY AND THE BIRTH OF THE SELF: How does the formation of subjectivity occur considering relations in Winnicott's theory?

**David Diniz Neto²,
Gabriella Ferreira Atanásio³,
Gilvania Pires Novais⁴,
Lucio Flávio de Santana Gimenes⁵.**

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender como as transformações nas estruturas familiares e as dinâmicas do ambiente externo afetam a formação do "Eu" no indivíduo. Baseado na teoria do amadurecimento de Donald Winnicott, enfatiza a importância da relação mãe-bebê e dos estágios iniciais da vida. Utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica narrativa com análise qualitativa, examina diferentes compreensões de famílias, incluindo concepções contemporâneas de família que vão além dos laços de sangue. Os resultados destacam a influência da família no desenvolvimento emocional e subjetividade dos indivíduos. Ao final, sugerimos mais pesquisas sobre o impacto das mudanças socioeconômicas e culturais nas estruturas familiares e seu efeito no desenvolvimento emocional e identitário.

Palavras-chave: Eu; relações; família; subjetividade; influências; teoria do amadurecimento.

ABSTRACT

This study aims to understand how changes in family structures and external environment dynamics affect the formation of the "Self" in an individual. Based on Donald Winnicott's maturation theory, it emphasizes the importance of the mother-baby relationship and the early stages of life. Utilizing a methodology of narrative literature review with qualitative analysis, it examines different understandings of families, including contemporary conceptions of family that go beyond blood ties. The results highlight the influence of the family on emotional development and the subjectivity of individuals. In the end, we suggest further

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Inhumas FacMais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, no segundo semestre de 2023.

² Acadêmico(a): David Diniz Neto do 10º Período do curso de psicologia pela Faculdade de Inhumas. E-mail: davidneto@aluno.facmais.edu.br

³ Acadêmico(a): Gabriella Ferreira Atanásio do 10º Período do curso de Psicologia pela Faculdade de Inhumas. E-mail: gabriellaatanasio@aluno.facmais.edu.br

⁴ Acadêmico(a): Gilvania Pires Novais do 10º Período do curso de Psicologia pela Faculdade de Inhumas. E-mail: gilvanianovais@aluno.facmais.edu.br

⁵ Professor-Orientador. Mestre em Psicologia. Docente da Faculdade de Inhumas. E-mail: luciosantana@facmais.edu.br

research on the impact of socioeconomic and cultural changes on family structures and their effect on emotional and identity development.

Keywords: self; relations; family; subjectivity; influences; theory of maturation.

1 INTRODUÇÃO

A constituição da subjetividade humana é um processo complexo e multifacetado, profundamente enraizado nas interações familiares e influenciado por uma variedade de fatores sociais e culturais. A família, como o primeiro núcleo de socialização e desenvolvimento da identidade individual, passou por significativas transformações ao longo da história, refletindo as mudanças nas dinâmicas socioeconômicas, políticas e culturais de cada época. Este artigo busca explorar a formação da subjetividade considerando as relações familiares na perspectiva da teoria do amadurecimento de Donald Winnicott, um influente psicanalista e pediatra britânico.

O objetivo deste estudo é compreender como as transformações nas estruturas familiares e as dinâmicas do ambiente externo afetam a formação do Eu no indivíduo. Dando ênfase à interação e integração entre os membros familiares, este trabalho se propõe a examinar a influência tanto das relações sanguíneas quanto das conexões formadas por valores e experiências comuns em ambientes facilitadores e não facilitadores.

A pesquisa se fundamenta na teoria de Winnicott, que destaca a importância dos estágios iniciais da vida na formação do Eu. Segundo Winnicott (1983, 2021), o desenvolvimento emocional e a maturação do indivíduo dependem crucialmente da presença de uma mãe suficientemente boa e de um ambiente facilitador. O estudo aborda a relação mãe-bebê e sua influência no desenvolvimento psicológico, considerando aspectos como a dependência absoluta e a transição para a independência (Dias, 2012; Silva, 2016).

Além disso, a pesquisa se debruça sobre as concepções contemporâneas de família, que transcendem os laços de sangue e incluem uma diversidade de configurações familiares. Isso reflete em uma compreensão mais abrangente da família, caracterizada por uma variedade de tipos e estruturas que influenciam o desenvolvimento emocional e a subjetividade dos indivíduos (Minuchin, 1982; Roudinesco, 2003; Sampaio & Gameiro, 1985).

O artigo foi organizado em seções que abordam diferentes aspectos desta temática. Inicialmente analisamos as transformações familiares e seu impacto no desenvolvimento do Eu; após, focamos na relação mãe-bebê e seu papel no desenvolvimento emocional e identitário; e, por fim, discutimos o desenvolvimento do Eu no contexto familiar, considerando o papel do ambiente social.

Deste modo, este estudo visa proporcionar uma compreensão mais profunda da formação da subjetividade humana, destacando a importância da família e do ambiente nos estágios iniciais da vida e a relevância de abordagens interdisciplinares no campo da psicologia e das ciências sociais.

2 METODOLOGIA

O projeto em questão foi desenvolvido através da realização de uma revisão bibliográfica narrativa, conforme descrito por Rother (2007), que caracteriza este método como uma construção baseada em análises críticas da literatura existente. Esta abordagem foi escolhida com o objetivo de estabelecer e enriquecer a base teórica do estudo, utilizando-se do método de revisão qualitativa. Este método é definido por Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 126) como uma “análise da teoria, sintetizando os achados de estudos qualitativos individuais”. A finalidade é examinar conceitos relacionados à influência da família na formação da subjetividade do indivíduo, embasando-se na teoria do amadurecimento emocional de Winnicott. A análise visa interpretar e compreender a construção do Eu desde os primeiros anos de vida até o alcance da autonomia.

Tendo embasamento na leitura analítica que irá “ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa” (GIL, 2002, p. 79); tratando de identificar as intenções apresentadas pelo autor e claro tratando as informações com muita clareza, objetividade e imparcialidade ao que será encontrado diante do material obtido.

Diante do que foi apresentado, foram feitas as seguintes etapas: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto.

Acrescenta-se, a consequência da escolha do tema pelo fato da importância das relações na formação da subjetividade, onde foi feito o levantamento a partir de um dos livros de Winnicott “Tudo começa em casa” que acarretou na exploração de mais obras que correlacionam os estudos propostos por ele. Estudos esses que foi tirado o problema “a teoria do amadurecimento de Winnicott que possui ênfase nos estágios iniciais da vida do sujeito, para pontuar essas reformulações familiares e como este meio e o ambiente afeta na estruturação do Eu”, e que através da tática bola de neve obteve a busca das fontes.

Esta pesquisa qualitativa teve como pretensão trazer ampla compreensão do tema, de modo que captou o contexto da parentalidade na formação do Eu, enfatizando a subjetividade no intuito de compreender e interpretar o Eu, analisando e organizando as informações para a construção do trabalho (MOREIRA, 2014).

Dessa forma, conclui-se que a redação do texto teve relação entre os tópicos, partindo do pressuposto da evolução da estrutura familiar, social, política e histórica, e tendo sua associação na formação do Eu. Seguindo com os estudos de Winnicott sobre o amadurecimento emocional e a relação da mãe e bebê e o desenvolvimento do Eu, na qual foi conectado na finalização com relação mãe-bebê no contexto externo, ou seja, como o ambiente social influencia o indivíduo.

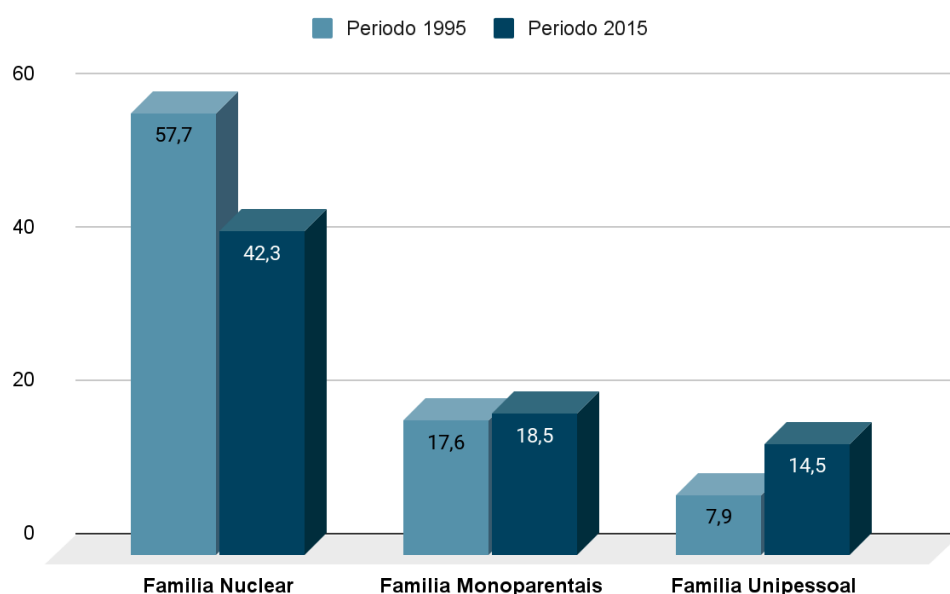
3 TRANSFORMAÇÕES FAMILIARES E O DESENVOLVIMENTO DO EU: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIOLÓGICA

A família, como núcleo fundamental de socialização e desenvolvimento da identidade individual, tem passado por transformações significativas ao longo da história. Estas mudanças refletem as dinâmicas socioeconômicas, políticas e culturais de cada época e têm redefinido o conceito de família na contemporaneidade. Esta seção visa analisar as motivações e consequências dessas transformações, enfocando a inter-relação entre a evolução dos direitos das mulheres e as novas estruturas familiares, bem como a influência dos fenômenos socioculturais na redefinição do núcleo familiar.

A família é o primeiro grupo social com o qual o indivíduo se integra, transmitindo valores e normas que determinam a formação de sua identidade. Esta instituição tem sofrido mudanças significativas em sua estrutura ao longo dos anos. De acordo com o Observatório Nacional da Família (ONF), a composição familiar predominante no Brasil mudou drasticamente entre 1995 e 2015, com uma redução

das famílias compostas por casal com filhos de 57,7% para 42,3%. Além disso, houve um aumento nas famílias monoparentais de 17,6% para 18,5% tendo predominância pelo sexo feminino com dados de aumento de 15,8% a 16,3%, e famílias unipessoais que tiveram alteração significativa de 7,9% a 14,5%, dados que pode exemplos com as mudanças das estruturações familiares atualmente (BRASIL, 2015).

Figura 1: Estruturação familiares no Brasil: 1995-2015 - Elaborado a partir de dados da ONF. Indicadores: composições familiares de 1995 a 2015.



Fonte: (BRASIL; ONF, 2015).

Essas mudanças são reflexo de diversos fatores, incluindo a emancipação feminina, especialmente a partir do século XIX. A primeira onda do feminismo, com a luta sufragista após a Revolução Francesa, foi um marco na reivindicação dos direitos das mulheres, incluindo o direito ao voto, que antes era exclusivo dos homens. Essa luta enfraqueceu o poder patriarcal e influenciou diretamente na estrutura familiar (Canêdo, 2005).

Historicamente, a mulher era vista como uma mercadoria, com seu destino decidido por homens. Esta visão começa a mudar com a urbanização e a industrialização, que abriram novas oportunidades para as mulheres, rompendo seu isolamento e alterando sua postura diante do mundo (Samara, 1986). A mulher é retratada ao longo da história, como uma mercadoria onde o futuro era decidido por homens, tendo sua imagem como frágil, sem espaço, sem direitos próprios e vivendo à mercê de um estado patriarcal. Mas essas características da família

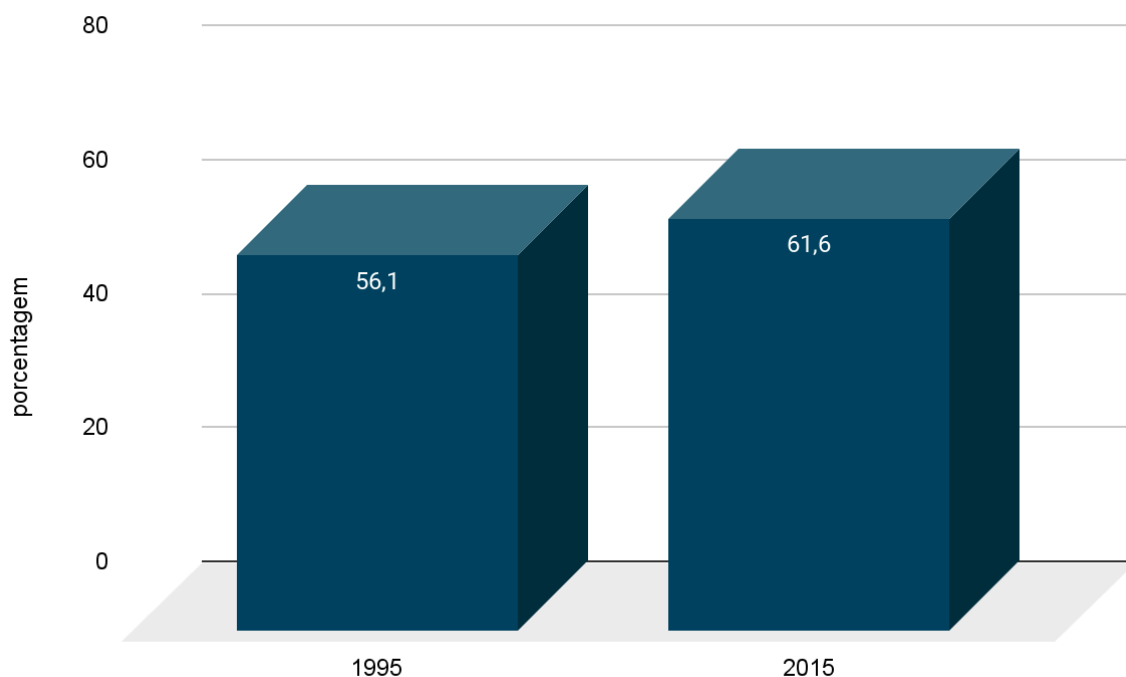
nuclear, começam a ruir quando abolição da escravatura, urbanização e industrialização começam a surgir, despertando nas mulheres uma sensação de mudança:

Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de se terem alterado profundamente os papéis, no mundo econômico. O trabalho nas fábricas, nas lojas, nos escritórios rompeu o isolamento em que vivia grande parte das mulheres, alterando, pois sua postura diante do mundo exterior (SAMARA, 1986, p. 179).

No Brasil, a industrialização dos anos 1930 expandiu o mercado de trabalho para as mulheres, embora ainda com desigualdades salariais e sociais (Tavassi, 2020; Mioto, 1998). A promulgação das Leis Trabalhistas em 1943 e a Constituição Federal de 1988 reforçaram a igualdade de gênero no Brasil, refletindo nas mudanças na composição familiar.

Conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Ministério da Economia (2019), a presença feminina no mercado de trabalho brasileiro cresceu significativamente, influenciando as estruturas familiares. A presença feminina no mercado de trabalho brasileiro, teve a quantidade de mulheres entre 17 e 70 anos empregadas no país passou de 56.1% em 1992 para 61,6% em 2015, com projeção para atingir 64,3% no ano de 2030, dados que podem ser observados na figura 2.

Figura 2: mulheres no mercado de trabalho - Elaborado a partir dos dados do IPEA.
Indicadores: mercado de trabalho, conjuntura e análise 1995-2015



Fonte: (BRASIL, ONF, 2015).

Os dados mencionados anteriormente revelam uma correlação direta entre as mudanças nas estruturas familiares, conforme ilustrado na Figura 1, e os avanços alcançados pelas ondas do feminismo. Este movimento proporcionou às mulheres um rompimento com o estereótipo tradicional de cuidadora do lar, permitindo-lhes assumir papéis de independência social, financeira e pessoal. Conseqüentemente, novas configurações familiares emergiram, como as famílias monoparentais, com um aumento significativo na proporção liderada por mulheres (de 15,8% para 16,3%), e as famílias unipessoais, refletindo mudanças significativas na dinâmica familiar (Ramos, 2016).

Além destas, surgiram outras formas de estrutura familiar, como as uniões homoafetivas e as famílias adotivas, desafiando o modelo tradicional de família nuclear e expandindo os conceitos sobre o que constitui uma família. Como observado por Todd (1983), as estruturas familiares, ao codificar relações entre indivíduos e autoridades, fundamentam grandes sistemas ideológicos e políticos, influenciando a formação do Eu no contexto de interações familiares.

O conceito de família, historicamente baseado em laços de sangue, expandiu-se para incluir uma variedade de arranjos, refletindo avanços nas organizações sociais. A partir do século XVII, com a Revolução Industrial e a luta

pelos direitos das mulheres, a definição de família começou a evoluir significativamente. Sampaio e Gameiro (1985) descrevem a família como um sistema de elementos interconectados, mantendo um equilíbrio dinâmico através de diferentes estágios de desenvolvimento, evidenciando a diversidade de elementos que compõem as famílias modernas.

Lévi-Strauss (1980), por sua vez, destaca a relação entre família e sociedade, argumentando que a humanidade se diferencia do mundo animal pela capacidade das famílias de reconhecer laços além dos consanguíneos, fundamentais para a estrutura social. Esta abordagem enfatiza que a experiência familiar é influenciada pela diversidade cultural da sociedade, enriquecendo a unicidade de cada família.

Winnicott (2005) ressalta que as práticas e tradições familiares são um reflexo da cultura à qual pertencem, passando de geração em geração, independentemente da configuração familiar. A construção social do Eu, portanto, é influenciada por fatores como a história de desenvolvimento dos pais, habilidades parentais, e condições socioeconômicas, refletindo a importância da diversidade cultural e pessoal na formação da personalidade e comportamento do indivíduo (Diogo, 2009).

Assim, a constituição do Eu é moldada não apenas pela configuração familiar, mas também por uma ampla gama de fatores externos, demonstrando como a adversidade pessoal e cultural contribui para a formação da identidade individual. Tendo isso em vista, nas próximas seções exploraremos tanto as influências da relação parental quanto do ambiente social no desenvolvimento do Eu.

4 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E DA IDENTIDADE: O PAPEL DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

A maturidade emocional e a formação da identidade individual são processos complexos e interconectados, onde a relação entre mãe e bebê desempenha um papel central. Donald Winnicott, um influente psicanalista, explorou profundamente estes aspectos nas fases iniciais da vida. Esta jornada do desenvolvimento humano começa ainda no útero e continua ao longo de toda a vida, sendo moldada por experiências e interações no ambiente circundante.

Winnicott contribuiu significativamente para a psicanálise com sua teoria do amadurecimento emocional. Segundo Dias (2012), o ser humano possui uma tendência inata ao amadurecimento desde o nascimento, buscando a integração como uma unidade independente da mãe. Esse processo inicia na infância e se

estende por toda a vida, sendo crucial uma boa relação mãe-bebê e um ambiente facilitador nos primeiros meses.

4.1 Relação mãe-bebê

Sérgio Gomes da Silva (2016) destaca que a relação mãe-bebê é fundamental desde o nascimento, prolongando-se pelos primeiros anos de vida da criança. Durante a gestação, a mãe e o bebê são uma unidade, interligados pelo cordão umbilical. Assim, sensações experimentadas pela mãe são compartilhadas com o bebê. Esta conexão inicial é essencial para o estabelecimento de um vínculo de confiança e reciprocidade, influenciando diretamente a construção do Eu do bebê e seu desenvolvimento psíquico.

O processo do nascimento é uma separação física do corpo materno. Complicações durante o parto podem torná-lo traumático, afetando a relação mãe-bebê. Para uma relação satisfatória, é necessário que a mãe tenha condições psicológicas favoráveis após o parto e uma gestação saudável.

Winnicott (1999), enfatiza a importância de um ambiente facilitador. Ele introduz o conceito de "holding", descrevendo a segurança que o bebê sente em um ambiente acolhedor e afetivo. A "mãe suficientemente boa", termo usado por Winnicott, refere-se à mãe que atende às necessidades do lactente na medida certa, proporcionando segurança e facilitando seu amadurecimento.

Durante a fase do holding, o bebê passa por estágios de dependência absoluta e relativa. Inicialmente, o bebê é totalmente dependente dos cuidados maternos. Posteriormente, na dependência relativa, o bebê começa a se perceber como um indivíduo separado da mãe. Esta fase é marcada por frustrações necessárias para o amadurecimento do bebê, ensinando-o a regular suas emoções.

Winnicott também aborda a fase de não-integração do Eu, onde o bebê ainda não se reconhece como um indivíduo separado da mãe. A fase de integração inicia-se na dependência relativa, entre os 6 meses e os 2 anos de idade. Aqui, a presença e atenção da mãe ou cuidador são cruciais, fornecendo um ambiente seguro e afetivo para o bebê explorar o mundo com confiança.

Essa dinâmica entre mãe e bebê fornece à criança a oportunidade de desenvolver um senso de confiança no mundo externo, criando condições favoráveis para suas futuras interações sociais. O estágio de dependência relativa é um

período de intensificação do senso do Eu, onde a criança percebe-se como um indivíduo único, ainda que dependente dos cuidados maternos (Winnicott, 1975b).

A abordagem de Winnicott oferece uma compreensão profunda da importância da relação mãe-bebê no desenvolvimento emocional e identitário. Esta relação inicial estabelece as bases para o crescimento e maturidade emocional, influenciando toda a trajetória de vida do indivíduo (Winnicott, 1975b).

5 DESENVOLVIMENTO DO EU NO CONTEXTO FAMILIAR: O PAPEL DO AMBIENTE SOCIAL

Historicamente, a família tem sido um pilar central na formação do indivíduo, onde as primeiras relações interpessoais são estabelecidas, moldando as bases da identidade e personalidade. Esta seção aborda a evolução da estrutura familiar e seu impacto significativo na formação do Eu, com foco na interação mãe-bebê, conforme explorado por Donald Winnicott. Será destacada a importância do ambiente facilitador, ou suficientemente bom, no desenvolvimento emocional e psicológico dos membros da família, bem como a influência de fatores sociais externos como a cultura e o acesso a serviços. A análise visa compreender como as interações interpessoais e o ambiente influenciam o desenvolvimento saudável ou problemático do Eu.

5.1 Relação mãe-bebê no contexto externo

Segundo Winnicott (1983), o desenvolvimento do indivíduo é uma transição da imaturidade para a maturidade, influenciada por fatores pessoais, sociais e ambientais dentro de um ambiente facilitador. A relação mãe-bebê é fundamental para o desenvolvimento emocional e social saudável do indivíduo. Uma mãe que não atende adequadamente às necessidades do bebê pode gerar problemas de saúde mental e emocional, como ansiedade e depressão, e dificultar o estabelecimento de relacionamentos saudáveis no futuro. Uma mãe sensível às necessidades físicas e emocionais do bebê fornece conforto, cuidado e segurança, facilitando a comunicação inter-humana e estabelecendo um padrão de interação com o mundo externo (Dias, 2012; Silva, 2009).

Winnicott destaca a importância do ambiente no desenvolvimento, incluindo fases como o segurar, manejar e a apresentação de objetos, fundamentais para a maturação e integração do indivíduo. Ele salienta que relações interpessoais saudáveis e a formação de uma base emocional sólida são desenvolvidas em um ambiente que proporciona cuidados suficientemente bons, suporte emocional e espaço para o crescimento do Eu. Este ambiente familiar é onde sentimentos como amor, ódio, simpatia e tolerância são experimentados e expandidos para a inclusão do indivíduo na sociedade (Winnicott, 1975a)

O ambiente facilitador oferece consistência emocional, física e social para a construção do indivíduo, respondendo às suas emoções e necessidades básicas, promovendo segurança e qualidade de vida. Também cria um espaço para exploração, expressão da individualidade e desenvolvimento saudável. Quando os pais não conseguem oferecer um ambiente estável e seguro, isso pode levar a dificuldades emocionais e psicológicas, afetando a formação da identidade e as relações interpessoais, além de aumentar a vulnerabilidade a problemas de saúde mental (Winnicott, 1975a).

5.3 A influência do Ambiente Social no desenvolvimento do Eu

Atualmente, as famílias se manifestam de maneiras diversas, com estruturas e configurações variadas, compostas por pessoas de origens e valores diferentes, buscando oferecer para o desenvolvimento de seus membros sua própria maneira e considerações vivenciadas ou herdadas, é o agrupamento inicial que está mais próximo da unidade da personalidade, sendo uma duplicação da estrutura individual. Desempenha um papel vital para o desenvolvimento do indivíduo, buscando dessa forma o integrar ao meio em que vivem (Winnicott, 2021).

De acordo com Winnicott (2005), existir é se integrar. Essa integração não acontece automaticamente, mas a partir das condições fornecidas pelo ambiente, permitindo que a criança alcance as experiências e estruturas necessárias em cada fase de seu desenvolvimento e se integre a essa unidade. Conforme o indivíduo começa o processo de amadurecimento, a família tende a inserir gradualmente elementos do mundo externo a ele, o que o auxiliará nessas mudanças.

A contribuição do adulto para a adaptação ativa e sensível às necessidades do sujeito é fundamental, estabelecendo conexão com o externo. Essa adaptação ocorre por meio da organização entre o indivíduo e o meio ambiente, com base nos

cuidados estabelecidos na infância, inicialmente fornecidos pela mãe suficientemente boa com o apoio do pai. É essencial que a criança receba um cuidado suficientemente bom, saudável, acolhedor, receptivo e consistente, além de ter acesso às necessidades básicas como higiene, saúde, educação e alimentação à medida que amadurece. Isso permite que ela se sinta segura para explorar e desenvolver sua identidade, seus relacionamentos interpessoais e suas habilidades de adaptação de maneira adequada (FONTES, 2005).

Winnicott enfatiza a importância das experiências iniciais e do ambiente no desenvolvimento do Eu. Este conceito refere-se à maneira como o indivíduo se percebe e interage com o mundo interno e externo. O Eu é formado com base nas interações e cuidados recebidos durante a fase de amadurecimento. A falta de acesso a um ambiente favorável pode afetar negativamente o desenvolvimento do Eu, levando a desafios emocionais, cognitivos e sociais. Winnicott destaca que um ambiente imperfeito, com falhas e frustrações adequadas, é essencial para o desenvolvimento de autonomia e maturidade emocional, contribuindo para a formação de um Eu resiliente e adaptável. (WINNICOTT, 1983).

Embora Winnicott não tenha abordado diretamente a influência de fatores sociais como cultura e acesso a serviços em sua teoria, seus conceitos podem ser aplicados para entender como esses fatores suportam o desenvolvimento saudável, moldando a percepção do indivíduo sobre si e sobre o mundo ao seu redor. Seus estudos oferecem uma compreensão das tarefas, conquistas e dificuldades do processo de amadurecimento, desde a vida intra-uterina até a morte (WINNICOTT, 1965).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as abordagens e análises apresentadas ao longo deste artigo, fica evidente que a família, como um núcleo fundamental de socialização e desenvolvimento da identidade individual, desempenha um papel crucial na formação do Eu. Através do estudo da teoria do amadurecimento de Winnicott, pudemos observar como as mudanças nas estruturas familiares e os desafios impostos pelo ambiente social influenciam profundamente o desenvolvimento emocional e identitário do indivíduo.

Este estudo contribuiu para a compreensão de que a formação da subjetividade não se restringe aos limites da família biológica, mas é influenciada por uma variedade de fatores sociais, culturais e econômicos. As transformações nas estruturas familiares, evidenciadas pelo aumento das famílias monoparentais e unipessoais, assim como as novas configurações familiares, incluindo as uniões homoafetivas e as famílias adotivas, demonstram a diversidade e a complexidade das relações humanas na contemporaneidade.

A pesquisa também destacou a importância do ambiente facilitador, conforme descrito por Winnicott, na promoção do desenvolvimento saudável do Eu. Este ambiente não apenas oferece segurança e apoio emocional, mas também permite a expressão da individualidade e a adaptação a desafios e mudanças.

Para futuros estudos, sugerimos uma investigação mais aprofundada sobre o impacto das mudanças socioeconômicas e culturais nas estruturas familiares e seu efeito no desenvolvimento emocional e identitário. Seria interessante explorar como diferentes contextos culturais e socioeconômicos influenciam as dinâmicas familiares e, conseqüentemente, a formação da subjetividade. Além disso, pesquisas adicionais poderiam focar em estratégias de intervenção que apoiem famílias em ambientes desafiadores, promovendo um desenvolvimento saudável do Eu em diversos contextos.

Por fim, este artigo reforça a ideia de que a família, em suas diversas formas e estruturas, continua sendo um pilar essencial na formação do indivíduo, afetando profundamente sua subjetividade e desenvolvimento emocional. As mudanças observadas nas estruturas familiares são reflexo da evolução da sociedade e devem ser consideradas em futuras pesquisas e intervenções no campo da psicologia e das ciências sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 01 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional da Família. **Fatos e números: arranjos familiares no Brasil**. Observatório Nacional da Família. Brasília: 2015. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/ArranjosFamiliares.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

CANÊDO, L. B. **O Sufrágio universal: a invenção democrática**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott**. São Paulo: Editora DWW, 2012.

DIOGO, F. V. Relação familiar e auto-estima. São Paulo: **R. Investigação** - v. 9, n. 1, p. 17–24, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. “A família”. In: SPIRO, M. et al., **A família: origem e evolução**. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980, 1956. p. 7-45. Texto publicado originalmente em: Shapiro, Harry L. (ed.). *Man, culture and society*. Oxford University Press, 1956.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

MIOTO, R. C. T. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **KATÁLYSIS**, Florianópolis/SC-, p. 21-26, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/5573/4974>. Acesso em: 26 maio 2023 (traduzido pelos autores).

RAMOS, A. C. S. R. A estrutura familiar: reflexos nos comportamentos sociais da criança. **Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti**, 2016.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. Ltda, 2003.

SAMARA, E. M. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SAMPAIO, D.; GAMEIRO, J. **Terapia familiar**. 4ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

SILVA, S. G. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200003. Acesso em: 14 out. 2023.

TAVASSI, A. P. C. **As mulheres e o mercado de trabalho brasileiro**. [s. l.]: Equidade, Ju Camillo, 2020. Instituto Mattos Filho. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/mulheres-e-o-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

TODD, E. **La Troisième Planète. Structures familiales et systèmes idéologiques**. Paris: Seuil, 1983 (traduzido pelos autores).

WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

WINNICOTT, D. W. **A Criança e Seu Mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1975a.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975b.

WINNICOTT, D. W. **Os Bebês e Suas Mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.